

Uma anedota pós-edípiana: a breve história de um ato falho e contínuo

Henrique Cairus
Universidade Federal do Rio de Janeiro

1) O convite

Em 1998¹, naquele que seria o último ano de vida de José Paulo Paes, Carlito Azevedo e Jorge Viveiros de Castro, poetas e editores, decidiram, em boa-hora, prestar uma homenagem ao grande tradutor e escritor, incluindo esse mínimo laurel no número então quase finalizado da revista *Inimigo rumor*, um periódico que se inscreveu de forma definitiva na história da poesia no Brasil.

Fui, então, convidado por Carlito Azevedo, para colaborar, com uma tradução de Konstadínos Kaváfis no volume da célebre revista, produzida pela Editora 7Letras, em que haveria essa homenagem àquele que acabara de partir e a quem sabidamente aprazia traduzir a obra do poeta grego.

Foi, contudo, uma decisão de última hora, em virtude do falecimento do celebrado tradutor. E, assim, o número que foi dedicado a Ferreira Gullar também acabou sendo um delicado e digno tributo a José Paulo Paes.

Apresentou-me à obra de Kaváfis a inesquecível Professora Ísis Borges da Fonseca² precisamente em 1989. Desde então, sou um leitor amador desse grande autor. Amador em todos os sentidos. Por isso, o convite era um desafio.

O convite afigurou-se-me também muito lisonjeiro. Do volume, participavam também Ferreira Gullar, Heitor Ferraz e Zuca Sardanha, o número tinha poemas do próprio Carlito (!), de Leonardo Fróes, Marcelo Antonio Pires da Eufrasia e mais tantos grandes poetas. No número anterior, eu já havia tido uma participação, com a tradução de dois epigramas de Meléagro de Gádara, e, assim, pude, no número de maio-agosto de 1997, ter tido o privilégio de figurar no sumário do volume ao lado de Haroldo de Campos.

Carlito Azevedo me pedia o óbvio, mas quase impossível: que eu escolhesse um poema que não havia sido traduzido por José Paulo Paes.

Quase desisti.... A internet incipiente não podia me ajudar muito à época.

¹ A data oficial a revista, no entanto, é: Setembro-Dezembro 1997

² Grande conhecedora e tradutora de Kaváfis, profunda conhecedora do idioma grego. Sua tradução dos poemas de Kaváfis só foram publicadas integralmente em 2006. Foi Professora de Língua e Literatura Gregas na Universidade de São Paulo, onde sempre oferecia cursos também de grego moderno.

Daí, lembrei-me de um pequeno volume que havia comprado na Grécia havia pouco: “Poemas recusados e de juventude”. Ali, encontrei o **Édipo**, um excelente poema de um Kaváfis de 33 anos, um poema que atingia, naquele momento, seu centenário. Excelente por duas razões: porque era muito bem composto e também porque tinha como tema um belíssimo quadro de Gustave Moreau que ele não havia visto. O poema foi escrito a partir da leitura de uma écfrase da tela que certo crítico de arte fez publicar em jornal francês.



Oedipus et la Sphinx, Gustave Moreau, 1864

2) A tradução publicada e a tradução inteira

Fiz a tradução com certa insegurança literária. E resolvi cometer uma ousadia tecnológica: coloquei-o num editor de textos do computador em duas colunas. Na hora de enviá-lo para os editores, tive a infeliz ideia de copiar e colar, usando o botão direito do mouse (cujas funções eu acabara de descobrir). Apesar da pouca técnica, aparentemente logrei êxito e o poema foi aos editores, que acusaram o recebimento e agradeceram.

Rapidamente a revista foi publicada e recebi dela alguns exemplares, um dos quais ainda guardo comigo.

O poema, para minha surpresa, não estava inteiro.

Na verdade, eu não vi a mutilação imediatamente. Por timidez, esse refúgio da vaidade, incomoda-me ver o que sai sob meu nome, porque sei que vou ver os erros que até então não fôra capaz de perceber. Por isso, procrastino a leitura das minhas publicações o quanto posso. Mas, se a postergo, outros a fazem de imediato, e fazem também o favor de me avisar sobre meu erro: ou de forma vil e covarde, como já me aconteceu, ou de forma gentilíssima, como fez, então, um grande conhecedor de Kaváfis, lá do extremo Sul do Brasil, que me prestou o imenso favor de escrever-me um afável email para elogiar a tradução. Aproveitou a ocasião e advertiu-me acerca da ausência dos últimos sete versos, tanto no grego quanto no português. Tomei um susto! Corri à estante, e corajosamente abri o volume. O erro parecia abrir para mim um sorriso sardônico e cruel. Ali estava uma página que eu dificilmente esqueceria. Mas outro ato exigia minha urgente coragem:

Liguei para Jorge Viveiros de Castro. Confessei minha falha, meu ato falho, meu lapso, meu erro, e perguntei-lhe o que, na opinião dele, poderia ser feito. Jorge ficou zangado, e, ainda assim, passou-me uma descompostura muito generosa, posto que bastante pedagógica. Depois de ler o que foi publicado com calma, achou que o erro não havia feito tão mal ao poema. Naturalmente não lhe apresentei o restante da tradução, para que ele não visse o quanto ficaria melhor se eu não tivesse me enganado.

Faltavam ao belo poema de Kaváfis os sete últimos versos, três dos quais compunham uma frase cujo último verso da versão publicada era o sujeito! Simplesmente não fazia mais sentido e a sintaxe havia ficado corrompida, mas ainda assim, parecia belo. Um desses mistérios da poesia, e não de qualquer poesia.

Assim é o último verso da tradução publicada: "Seus olhos cheios de melancolia" (marcado em negrito, na tradução abaixo).

Como tentativa de remissão, submeto aos leitores da *Codex — Revista de Estudos Clássicos*, a tradução completa do poema:

Ο Οιδίπους

Εγγράφη έπειτα από ανάγνωσιν περιγραφής της ζωγραφιάς
«Ο Οιδίπους και η Σφιγξ» του Γουσταύου Μορώ.

Επάνω του η Σφιγξ είναι πεσμένη
με δόντια και με νύχια τεντωμένα
και μ' όλην της ζωής την αγριάδα.
Ο Οιδίπους έπεσε στην πρώτη ορμή της,
τον τρόμαξεν η πρώτη εμφάνισί της -
τέτοια μορφή και τέτοιαν ομιλία
δεν είχε φαντασθή ποτέ έως τότε.
Μα μ' όλο που ακκουμπά τα δυο του πόδια
το τέρας στου Οιδίποδος το στήθος,
συνήλθε εκείνος γρήγορα - και διόλου
τώρα δεν την φοβάται πια, γιατί έχει
την λύσιν έτοιμη και θα νικήση.
Κι' όμως δεν χαίρεται γι' αυτήν την νίκη.
Το βλέμμα του μελαγχολία γεμάτο
την Σφίγγα δεν κυττάζει, βλέπει πέρα
τον δρόμο τον στενό που πάει στις Θήβας,
και που στον Κολωνό θ' αποτελειώσει.
Και καθαρά προαισθάνεται η ψυχή του
που η Σφιγξ εκεί θα τον μιλήση πάλι
με δυσκολώτερα και πιο μεγάλα
αινίγματα που απάντησι δεν έχουν.

A tradução (agora completa) do poema:

Édipo

Inscrição apartir da leitura da descrição da pintura
“Épipo e a Esfinge” de Gustave Moreau.

Sobre ele a Esfinge se debruça
com dentes e garras à mostra
e com toda a rudeza da vida;
Édipo caiu ao seu primeiro ataque:
sua repentina aparição o amedrontou —
tal aspecto e tal falar
não ele os imaginara até então.
Mas, apesar de apoiar suas patas
o monstro no peito de Édipo,
recompôs-se o heroi rapidamente — e agora
não temia mais porque tem
a solução pronta e vencerá.
E mesmo assim não o alegra a vitória.
Seu olhar cheio de melancolia
não avista a Esfinge, vê em torno
a via estreita que vai a Tebas,
e que se completa em Colono.
E sua alma presente claramente
que a ele a Esfinge ainda falará
com mais difíceis e maiores
enigmas, que não têm resposta.

3) Epílogo

Em 2001, meu colega Trajano Vieira, renomado e proficuo tradutor de poesia grega antiga, professor de Língua e Literatura Grega da Universidade de Campinas (UniCamp), publica sua comemorada tradução do *Édipo rei de Sófocles*. Não vou comentar essa tradução aqui, porque, com propriedade e justiça, todos os elogios já lhe foram feitos, não restando ao leitor qualquer insegurança diante da arte e da precisão do trabalho que ali se apresentava. A tradução preenchia então uma indesculpável lacuna que só abandonaria o incômodo vazio pela versão direta e atenta do texto sofocliano.

Paulatinamente as versões indiretas foram deixando sua ancestral primazia e foram cedendo o lugar que ocuparam, às vezes, não sem grandes méritos.

Haroldo de Campos, de saudosa memória, era amigo de Trajano Vieira. Também nada direi sobre esse poeta, porque, para testemunhar sobre sua importância, se não basta atribuir-lhe o colossal *Galáxias*, seguramente bastará evocar seu papel fundamental no reposicionamento da poesia no mundo, em um trabalho para o qual, aqui no Brasil, contou com o concurso de seu irmão Augusto e do inesquecível Décio Pignatari. Sofreram esses o que sofrem todas as almas geniais que se dão à tarefa de propor o novo. Ao novo, a vaia.

Antes de encerrar este relato de reminiscências, lembro que o poema também foi republicado, tal qual imagem abaixo, no volume de 2012 dos poemas de Kaváfis traduzidos por Haroldo de Campos e comentados por Trajano Vieira. Em 2018, foi a vez do próprio Trajano Vieira publicar sua antologia dos poemas do Kaváfis, pela Editora Ateliê.

Mas a imagem abaixo é mesmo do livro de 2001, do volume que apresenta a tradução poética que Trajano Vieira propôs para o *Édipo rei* de Sófocles. Aqui, lê-se a epígrafe de Haroldo de Campos, num texto idêntico ao que publicaria onze anos depois. A tradução que se segue, fala por si e, com ela, encerro este texto.

*Sobre ele impende a Esfinge,
armada de unhas e dentes
e de todo o agrume da vida.
Édipo tombou ao seu primeiro bote:
esse porte e esse modo de falar,
sua fantasia nunca os figurara antes!
Embora o monstro no peito de Édipo
calcasse as duas patas dianteiras,
ele se recobra e desteme-o:
guarda a chave do enigma e sabe da vitória.
De alegria, porém, nenhum traço festivo,
nos olhos turvos de melancolia.*

Do *Édipo* de Konstantinos Kaváfis,
Transcrição: Haroldo de Campos

KAVÁFIS, Konstandínos P. Édipo. Trad. Henrique F. Cairus. In: *Inimigo rumor*. n. 3, 1997. P.

------. *Poemas*. Tradução Haroldo de Campos; organização Trajano Vieira. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2012.

VIEIRA, Trajano. Édipo rei de Sófocles. Apresentação de J. Ginsburg. São Paulo: Perspectiva, 2001.